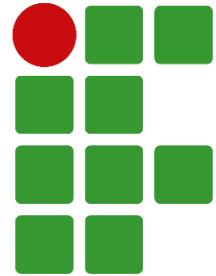


DIÁLOGOS SOBRE RACIALIZAÇÃO COM ESTUDANTES NEGROS DA ESCOLA TÉCNICA DE PELOTAS (ETP) - (1950 e 1960)



ADRIANA BARBOZA
ROSCILD

ADRIANA
DUARTE LEON



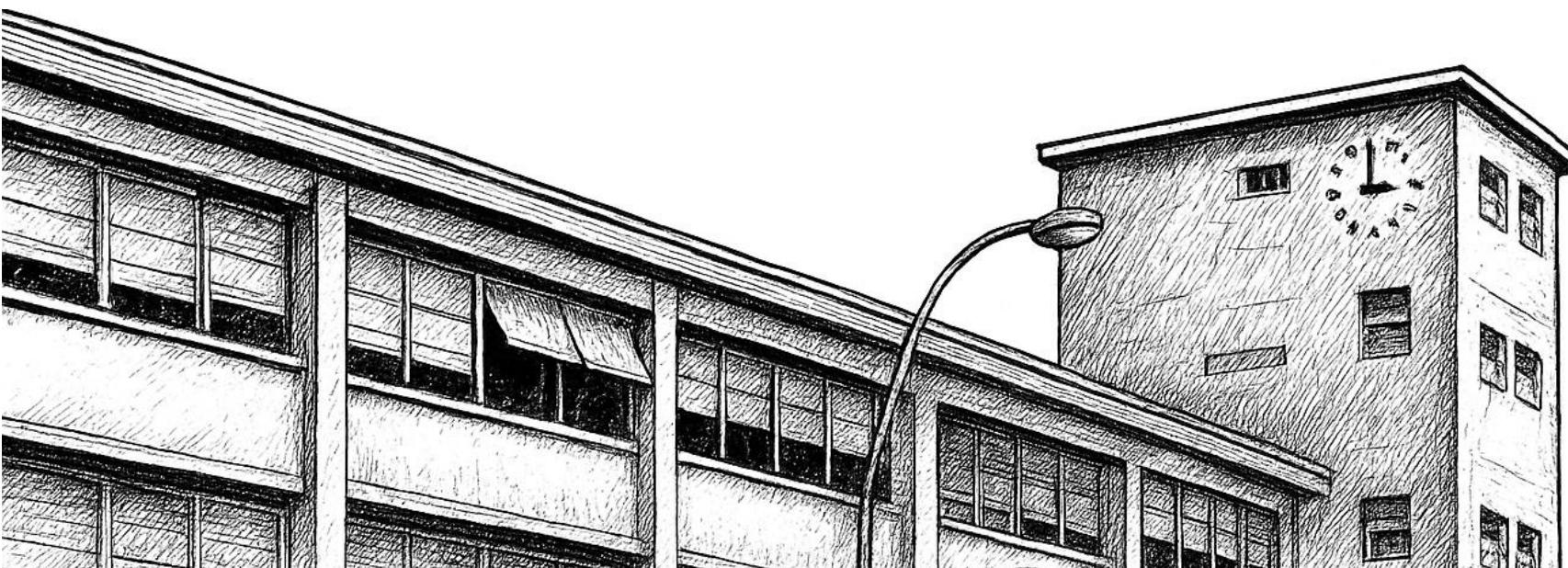
**INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Sul-rio-grandense**

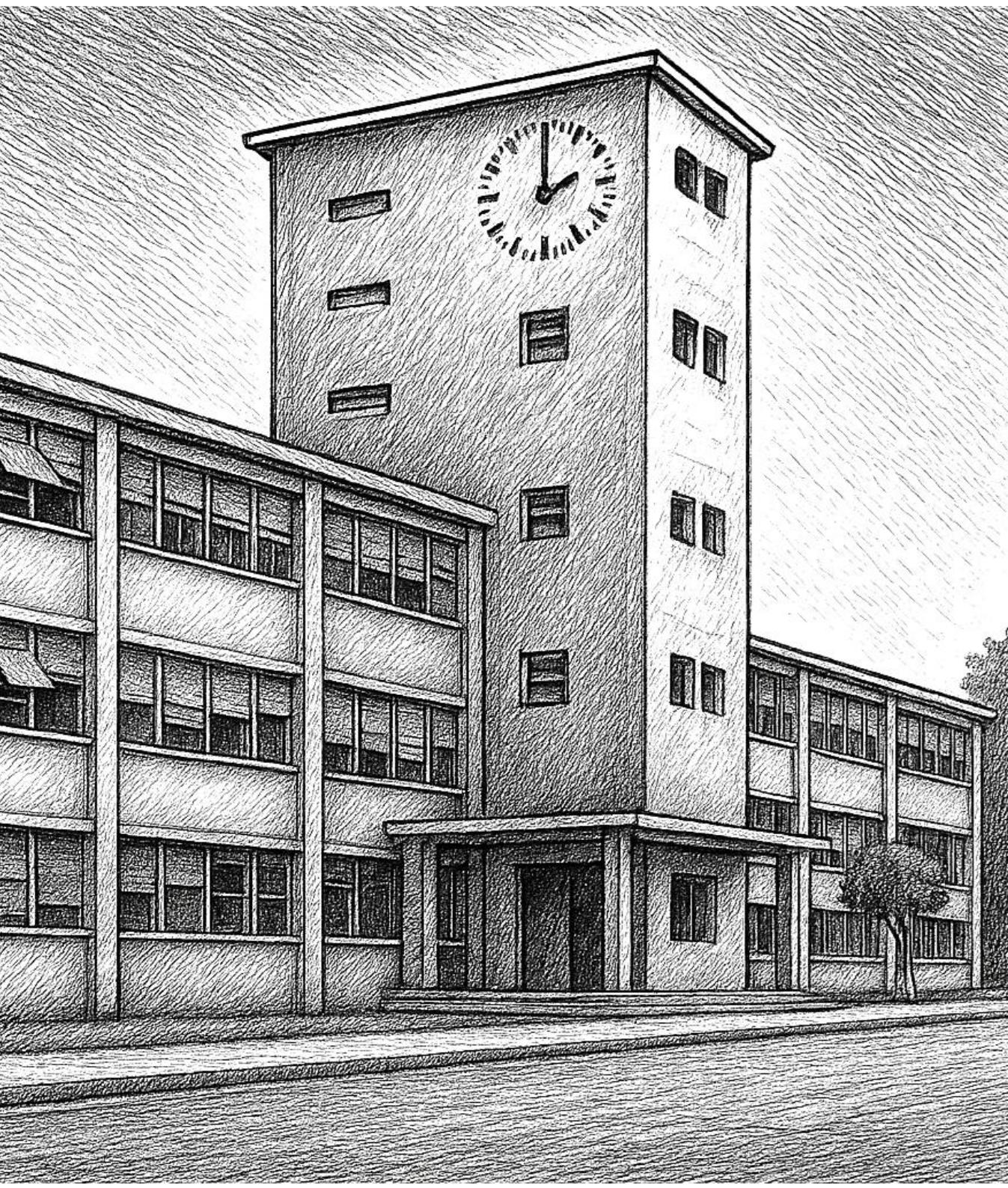


Programa de Pós-Graduação em Educação



Grupo de Pesquisa História Educação e Docência





**Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul)**
Praça Vinte de Setembro, 455 – Centro – Pelotas/RS
– CEP: 96015-360 – Fone: (53) 2123-1000

**Programa de Pós-Graduação em Educação
(PPGEDU)**

E-mail: pl-ppedu@ifsul.edu.br

**Grupo de Pesquisa História, Educação e Docência
(GPHEDo)**

Adriana Barboza Roschild

Doutoranda em Educação pelo Instituto Federal de
Educação Sul-rio-grandense (IFSul) Campus
Pelotas/RS.

E-mail: adriana.adriiroschild@hotmail.com

Adriana Duarte Leon

Doutora em Educação pela Universidade Federal de
Minas Gerais (UFMG).

E-mail: adriana.leon@ifsul.edu.br

Diagramação desenvolvida por: Tobias de Medeiros
Rodrigues: tobias.medeiros@gmail.com

Imagen da ETP, década de 1960, adaptada e
produzida pelo diagramador.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
PARTE I - Breve histórico da Escola Técnica de Pelotas	8
PARTE II - O conceito de racialização e suas implicações sociais	14
PARTE III - Diálogos sobre racialização com estudantes egressos negros da Escola Técnica de Pelotas, décadas de 1950 e 1960	18
A percepção dos estudantes egressos negros da ETP	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31

APRESENTAÇÃO

O presente material didático, caracterizado como um livreto, originou-se da minha pesquisa de doutorado desenvolvida no programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSul) – Câmpus Pelotas, vinculado à linha de pesquisa “Inserção Social: trabalho, cultura e tecnologias na educação básica” e ao Grupo de Pesquisa História, Educação e Docência (GPHEDo), sob a orientação da Profa. Dra. Adriana Duarte Leon. O material está delineado como um produto educacional que dialoga com a temática de pesquisa acerca da racialização no âmbito da educação profissional, tendo como foco de análise a trajetória dos ex-estudantes negros no âmbito da Escola Técnica de Pelotas/RS (ETP), no período das décadas de 1950 e 1960. A partir da metodologia da história oral, foi possível estabelecer o diálogo com os estudantes negros egressos da ETP.

Os alunos serão denominados, carinhosamente, como **Etepeanos**, pois no decorrer das entrevistas, os sujeitos da pesquisa se autodenominaram dessa forma. Assim, para fins desta reflexão, adota-se o referido termo.

O objetivo principal deste material é evidenciar a percepção dos egressos acerca do tema racialização. No decorrer das entrevistas, emergiram relatos significativos da memória do educandário, levando em consideração o contexto histórico e social vivenciado pelos ex-alunos no decorrer do período em que frequentavam a instituição.

A memória configura-se como um processo dinâmico e social, marcado por contínuas disputas e reconstruções. Conforme Halbwachs (1990), a memória não é apenas individual, mas coletiva, pois as lembranças

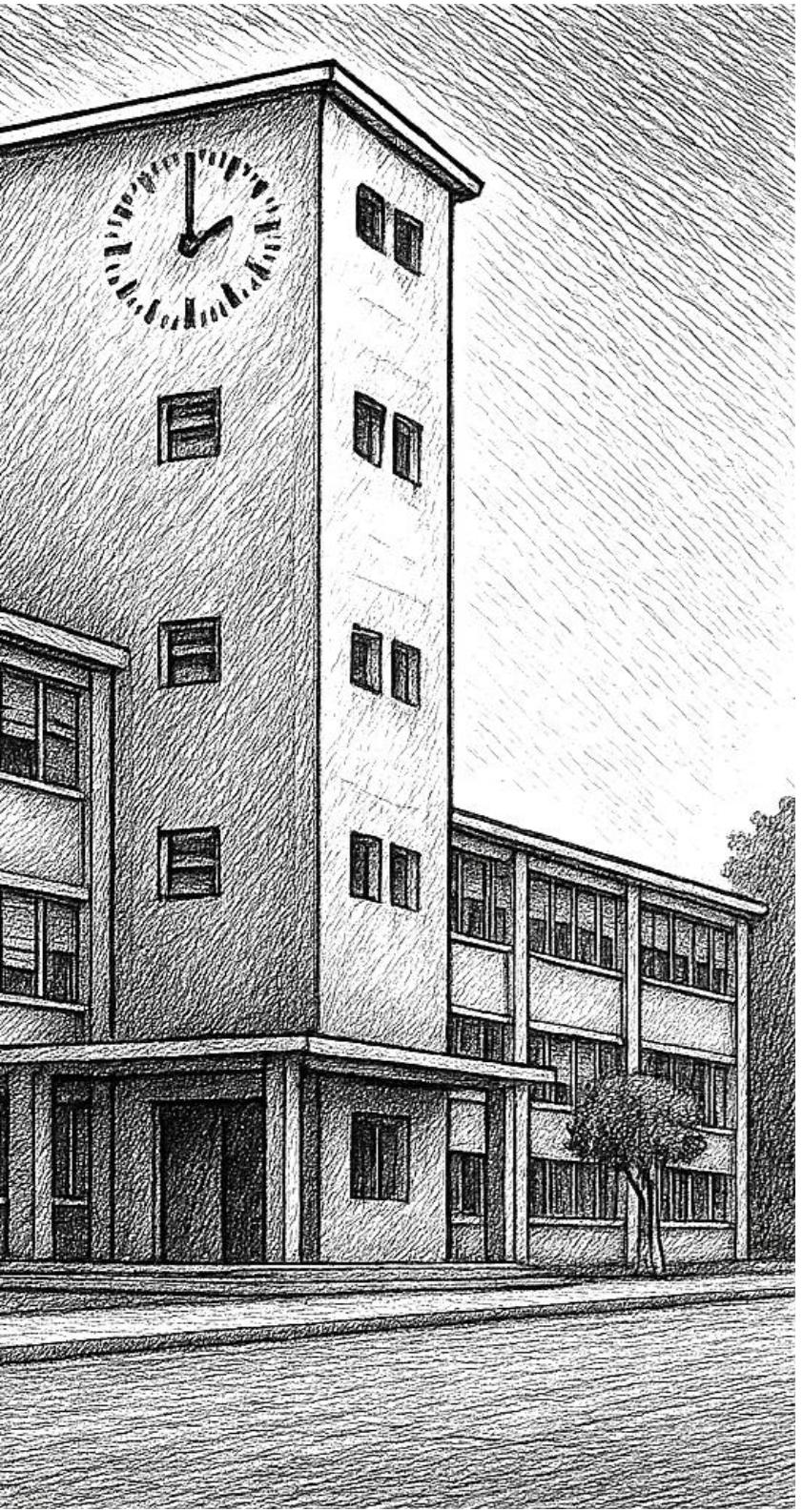
são moldadas pelos grupos e pelas relações sociais nas quais o sujeito está inserido. Para o autor, a memória é fruto da relação estabelecida entre os sujeitos individuais e a sociedade. Nessa linha de análise, a memória está diretamente ligada aos relacionamentos mantidos em diferentes grupos, como familiares, trabalhos, instituições de ensino, cultos religiosos e em outros locais. Nesse sentido, a memória do passado é construída a partir da relação firmada entre o sujeito e o grupo social em que está inserido, especificamente no espaço em que compartilha suas vivências (Halbwachs, 1990). Segundo Portelli (2016, p. 45), “A memória, em grande medida, funciona como um músculo involuntário, independente de nossos comandos conscientes [...]. Para Bosi (1994), a memória configura-se como uma prática viva, afetiva e social, capaz de revelar as experiências e resistências de sujeitos historicamente marginalizados. Nesse contexto, “Ao contar suas experiências, o entrevistado transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido [...]” (Alberti, 2004, p. 77).

O uso da memória neste trabalho tem como propósito salientar lembranças relacionadas à trajetória da negritude, com ênfase no contexto da educação profissional em Pelotas/RS. Ademais, visa dar visibilidade às vivências de pessoas negras que, historicamente, são alvos de discriminações em diversos espaços sociais, dentre eles as instituições de ensino, o que contribui para o entendimento, bem como a problematização dos processos discriminatórios vivenciados.

Busca-se contribuir tanto com a comunidade acadêmica quanto com a sociedade em geral, fomentando reflexões que colaborem para a construção de uma sociedade mais igualitária e antirracista, valorizando a memória e as trajetórias de sujeitos negros historicamente silenciados nos espaços institucionais. Reconhecer a existência do racismo é fundamental para a consolidação de uma sociedade democrática e antidiscriminatória. Conforme Ribeiro (2019, p. 17), “o sistema racista está em constante processo de atualização e, portanto, deve-se entender seu funcionamento”. Corroborando com o assunto, Diangelo (2018, p. 31) observa que “Barrar as forças do racismo é trabalho contínuo de uma vida toda porque as forças que nos condicionam as estruturas racistas estão sempre em ação; nosso aprendizado nunca será completo [...]”.

PARTE I

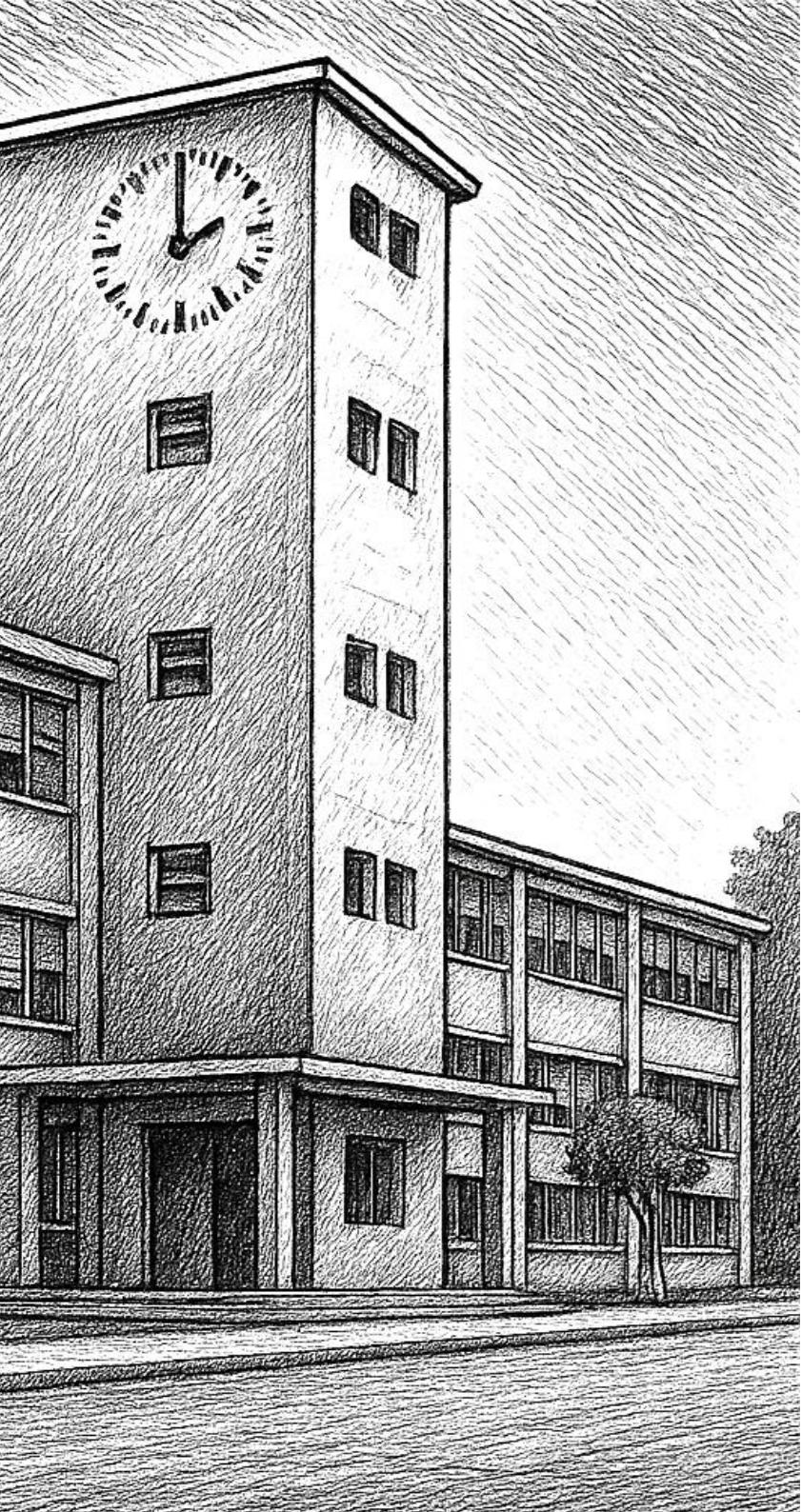
BREVE HISTÓRICO DA ESCOLA TÉCNICA DE PELOTAS



A história do IFSul Câmpus Pelotas remonta ao início do século XX. Inspirada nos ideais de modernização e nas Escolas de Aprendizes e Artífices, a antiga Escola de Artes e Ofícios foi criada em 1917, por iniciativa da Biblioteca Pública Pelotense. Seu objetivo era oferecer formação profissional a jovens pobres, preparando-os para o trabalho nas indústrias locais.

A construção do prédio foi iniciada em 1919, dois anos após a oficialização de sua criação, direcionada para o público pobre. A criação do respectivo educandário no município pelotense é um marco na organização do ensino técnico escolarizado em Pelotas, pois materializa em uma instituição o imaginário popular acerca do ensino técnico, circulante nos jornais da época (Roschild, 2021).

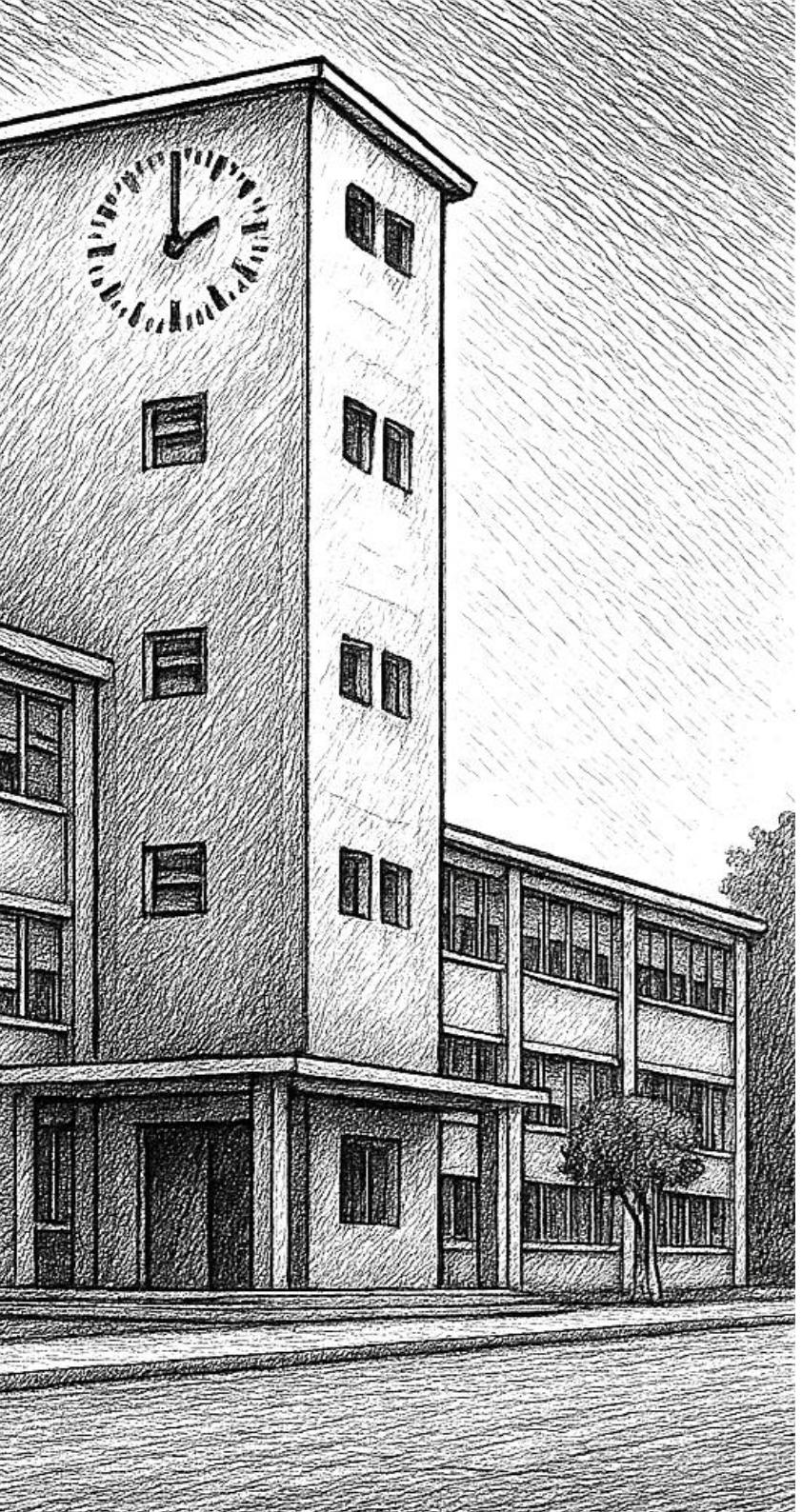
Nesse contexto, a comunidade local acompanhou e envolveu-se com a construção da Escola de Artes e Ofícios, a imprensa anuncia o movimento dos pelotenses em prol da construção e funcionalidade da instituição. A escola surgiu, primeiramente, no imaginário coletivo, depois, no espaço físico e, por último, no âmbito educacional,



promovendo o seu intento inicial que era a educação das crianças do município. Todavia, mesmo com o efetivo empenho de criar a Escola de Artes e Ofícios em Pelotas e a concretização da construção do prédio, a instituição apresentava dificuldades para a efetiva funcionalidade.

Assim, a educação profissional direcionada ao ensino técnico se efetivou de forma prática a partir da transição da Escola de Artes e Ofícios de Pelotas para a Escola Técnico Profissional (ETP), considerando a decisão unânime dos sócios da Biblioteca Pública Pelotense, em assembleia geral, no dia 12 de fevereiro de 1930, de repasse da Escola de Artes e Ofícios para o Município de Pelotas. Assim, com a municipalização, a Escola passou a chamar-se de Escola Técnico Profissional. Desse modo, foi solicitado ao município o comprometimento em colocar a instituição em funcionamento imediatamente. Nessa circunstância, as atividades iniciaram no referido ano.

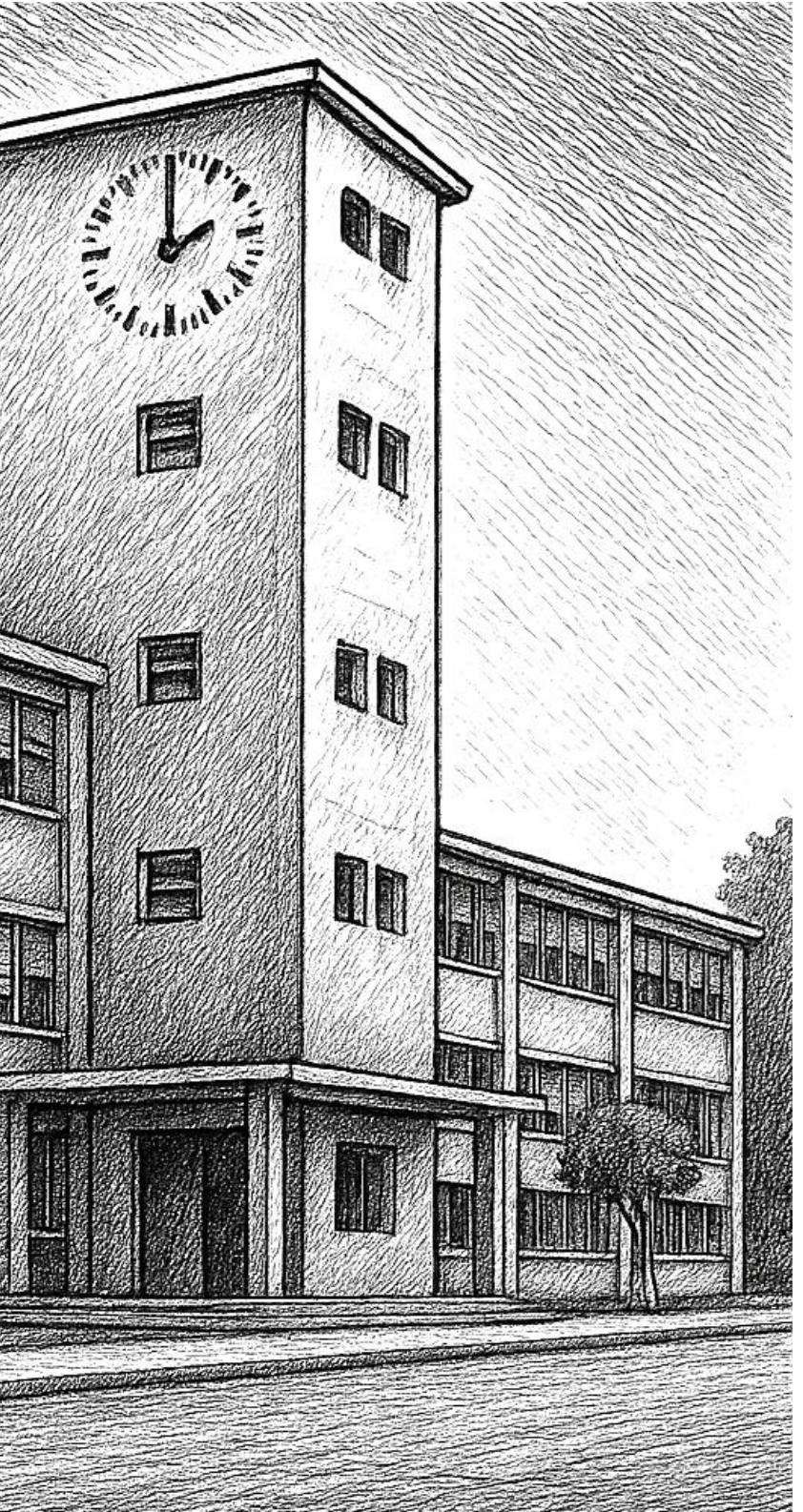
Em 1933, a instituição recebe o nome de Instituto Profissional Técnico, direcionado para a formação de artífices. O Instituto



Profissional Técnico (IPT) funcionou por uma década, sendo extinto em 25 de maio de 1940 e seu prédio demolido para a construção da Escola Técnica de Pelotas. Em 1942, o município transfere o referido educandário para a União e tem-se a criação da Escola Técnica de Pelotas (ETP), consolidada com a federalização em 11 de outubro de 1943.

Considerando o ano de 1943 como marco na federalização da instituição, destaca-se que ela comemora, na ocasião de escrita desta reflexão, 82 anos. Se considerarmos as primeiras notas que circulam nos jornais e idealizam a sua criação, ela tem 114 anos. Se considerarmos a edificação do prédio como escola de Artes e Ofícios, ela tem 108 anos. E se considerarmos a funcionalidade como instituição de ensino, ela tem 95 anos.

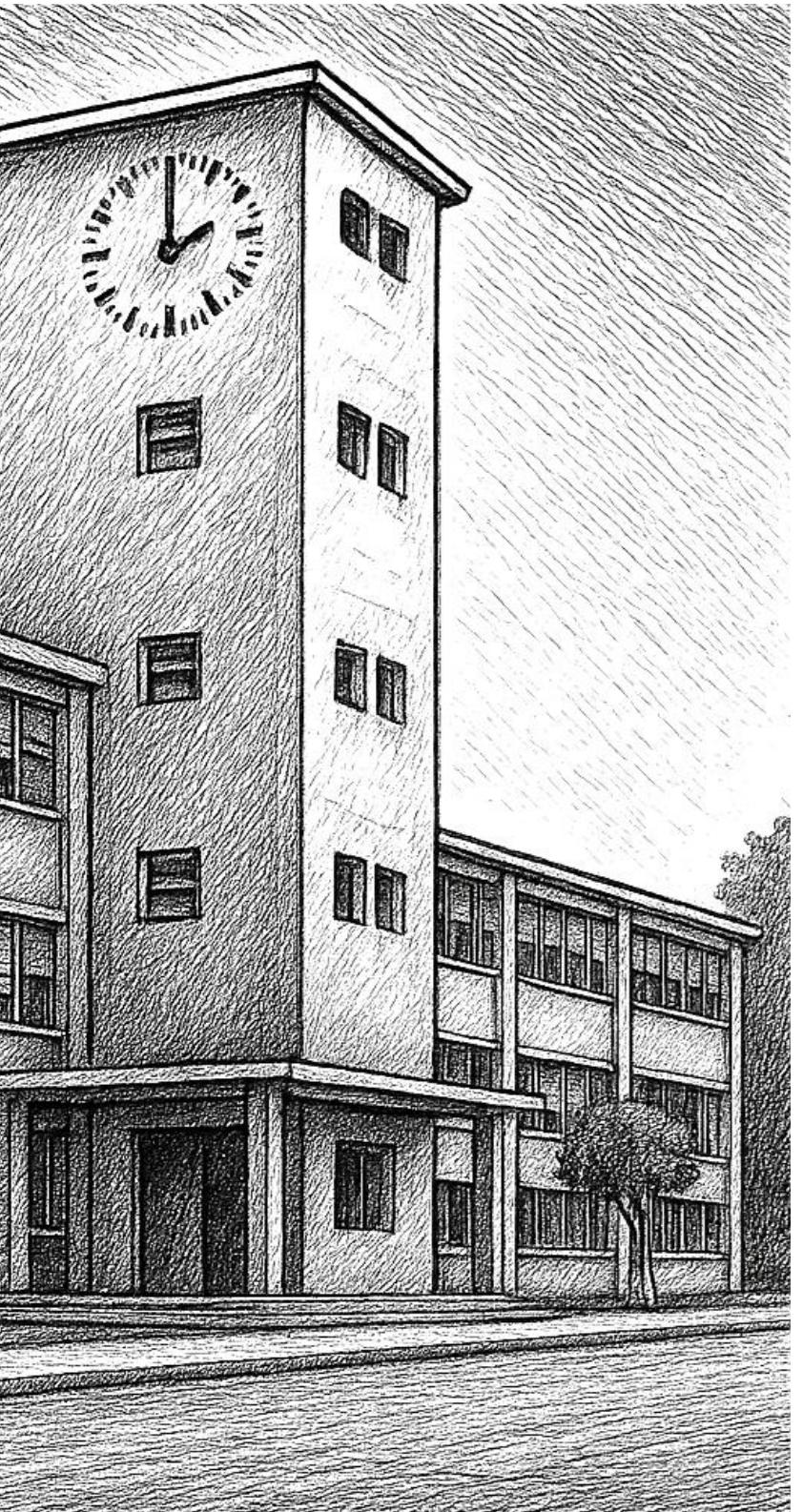
As atividades de ensino na ETP iniciaram no ano de 1945, a partir do oferecimento de cursos de curta duração, subdivididos em ciclos. Iniciou-se com o primeiro ciclo de ensino industrial, chamado de Curso Industrial Básico, tendo como oferta os cursos de: forja, serralheria,



fundição, mecânica de automóveis, máquinas e instalações elétricas, aparelhos elétricos, telecomunicações, carpintaria, artes do couro, marcenaria, alfaiataria, tipografia e encadernação.

Em 1953, o educandário passou a oferecer o segundo ciclo de educação profissional, vindo a ser criado o primeiro curso técnico intitulado Construção de Máquinas e Motores, ainda no âmbito do Curso Industrial Básico. Na sequência, no ano de 1959, a ETP recebe a caracterização de autarquia Federal, a qual, no ano de 1965, passa a ser chamada de Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPEL), e os cursos desenvolvidos pela instituição se destacavam na formação de técnicos industriais. Conforme dados coletados no IFSul, o educandário contribuiu na formação de um elevado número de alunos, nos cursos de Mecânica, Eletrônica, Edificações, Eletrotécnica, Eletromecânica, Telecomunicações, Química e Desenho Industrial.

No ano de 1999 ocorre a cefetização da Rede Federal de Educação Profissional e a ETFPEL se torna o Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-RS), passando a ofertar educação profissional,



educação superior e pós-graduação. No ano de 2008, o CEFET-RS transforma-se em Instituto Federal Sul Rio-grandense (IFoSul), descentralizado em 14 Câmpus, dentre eles o Câmpus Pelotas, que foi originário da Escola de Artes e Ofícios de Pelotas, Escola Técnico Profissional (ETP), Instituto Profissional Técnico (IPT), Escola Técnica de Pelotas (ETP), Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPEL), Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET/RS) e, atualmente, é o IFoSul Câmpus Pelotas.



PARTE II

O CONCEITO DE RACIALIZAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS

A palavra racialização tem sido amplamente utilizada em associação ao conceito de racismo, para designar os processos pelos quais determinados grupos sociais são classificados, diferenciados e hierarquizados com base em construções sociais de “raça”. Tal processo estrutura relações de poder e de desigualdades (Ianni, 1996). O racialismo opera por meio da atribuição de características supostamente naturais a certos grupos, classificando-os como superiores ou inferiores (Bethencourt, 2018).

O termo está associado a noções, como preconceito e discriminação, que sustentam o racismo. O preconceito, conforme Gomes (2005, p. 54), constitui um “julgamento negativo e prévio” sobre membros de grupos raciais, étnicos ou religiosos. Diangelo (2018, p. 43) complementa que se trata de “pensamentos e sentimentos, incluindo estereótipos e generalizações baseadas em pouca ou nenhuma experiência”. A partir desses preconceitos, emergem práticas de discriminação, nas quais determinadas pessoas ou grupos são tratadas de forma desigual. A racialização é um construto social que atribui significados raciais a características físicas, culturais ou históricas, com o propósito de justificar desigualdades e hierarquias sociais, ainda que sem base científica (Roschild, 2021).

O racismo possui raízes profundas na formação da sociedade. No que concerne ao Brasil, as práticas racistas estão diretamente associadas ao processo de escravização iniciado no Período Colonial. Em paralelo, está conectado às ideologias de superioridade branca, o que legitimou a exploração e desumanização da população negra. Considerando o período pós-abolição, não houve no Brasil políticas reparatórias efetivas, o que

contribuiu na marginalização social e econômica dos sujeitos negros. Como assevera Domingues (2004, p. 27), “A discriminação racial foi uma prática comum no Brasil desde a Colônia, perpassando pelo Império e atingindo a República”. Salienta-se que o racismo se consolidou como um fenômeno estrutural, enraizado profundamente no contexto das relações sociais, bem como nas instituições do país. Para Almeida (2021, p. 37):

A concepção institucional significou um importante avanço teórico no que concerne ao estudo das relações raciais. Sob esta perspectiva, o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça.

Nesse âmbito, Almeida (2021) enfatiza que o racismo ultrapassa a esfera individual e reconhece o poder como elemento estruturante das relações raciais. Com isso, é possível salientar que outras formas de racismo derivam dessa estrutura, tendo em vista que as instituições reproduzem práticas racistas porque a sociedade é racista. Dessa maneira, o racismo é reproduzido tanto nas instituições quanto nas práticas sociais.

Diante disso, como assevera Bento (2022), o racismo foi moldado por conjunturas específicas, assumiu diferentes formas no decorrer da história da humanidade, define-se como uma herança histórica e permanece na sociedade atual. A autora reforça que “o racismo institucional, às vezes, se refere a práticas aparentemente neutras no presente, mas que refletem ou perpetuam o efeito de discriminação praticada no passado” (Bento, 2022, p. 78).

Nesse contexto, a compreensão do racismo e o reconhecimento de sua existência é de suma importância para entender como ele opera em diferentes esferas da sociedade e entender quais iniciativas podem ser realizadas para combatê-lo. Nesse sentido, é inegável que o racismo é um fenômeno inconcluso, construído historicamente.

PARTE III

**DIÁLOGOS SOBRE RACIALIZAÇÃO COM ESTUDANTES
EGRESSOS NEGROS DA ESCOLA TÉCNICA DE PELOTAS,
DÉCADAS DE 1950 e 1960**



A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES EGRESSOS NEGROS DA ETP

ETEPEANO A

- **Sexo:** Masculino
- **Idade:** 79 anos
- **Período de estudo:** 1957/1961

“

Nunca observei que existisse racismo, no entanto, havia um pequeno grupo com leve ascendência social, porque mesmo sendo uma escola para atender uma classe de baixa renda, tinha também uma pequena parcela de abastados, mas com bastante harmonia.

”

Reflexão: Conforme a percepção do Etepeano A, no período de estudante não havia racismo na ETP, porém, ao analisar tal posição, não significa que as práticas racistas não existissem, mas de certa maneira, se manifestava de forma velada e naturalizada nas relações sociais, passando muitas vezes despercebida. Ao relatar sobre um pequeno grupo com maior ascensão social, percebe-se que, em um local destinado para pessoas com posição socioeconômica baixa, indica a presença de distinções de *status* que podem refletir desigualdades sutis. Desse modo, constata-se que, mesmo diante de uma aparente harmonia, é importante reconhecer que o racismo pode ocorrer de maneira simbólica e estrutural, sem se apresentar especificamente de forma explícita.



Vista da fachada frontal da Escola Técnica de Pelotas, 1962.
Fonte: Memorial CEFET-RS.

ETEPEANO B

- **Sexo:** Masculino
- **Idade:** 72 anos
- **Período de estudo:** 1962/1973



Alunos da Escola Técnica de Pelotas, década de 1950
Fonte: HeMEPT

“

A maioria era branco, nós negros tínhamos medo de ficar muito juntos, só se via negros nos desfiles de 7 de Setembro e na banda, como te falei, Pelotas separava os negros pelo tom da pele e cabelo e sociais, mas se formou muitos negros, gratidão.

”

Reflexão: O relato do Etepeano B revela que, mesmo em espaços educacionais, a população negra enfrentava o medo e a limitação da convivência, reflexo das hierarquias raciais presentes na sociedade pelotense, como na ETP. A separação dos negros, segundo o tom de pele, o tipo de cabelo e a condição social, evidencia o racismo estrutural existente em Pelotas na época. Ademais, o fato de muitos terem conseguido se formar expressa a resistência e a superação diante das barreiras impostas pelo preconceito.

ETEPEANO C

- **Sexo:** Masculino
- **Idade:** 68 anos
- **Período de estudo:** 1969/1973

“ Eu acredito que o racismo é estruturado e cultural, não é? Há, eu penso que ele tem, que ele deve ser tratado como crime, como forma da gente diminuir essa forma preconceituosa de que a sociedade trata os negros. E quando eu digo a sociedade, não quer dizer que são todas as pessoas da sociedade. São algumas pessoas. Não dá para se estabelecer uma regra assim de dizer que todas as pessoas são racistas, porque tem negro que também é racista em relação ao branco, né? Eu quero me referir a uma situação assim, de que ele tem que ser tratado como crime, como forma de que um país que efetivamente quer crescer, quer desenvolver, tá? Ele tem que deixar de lado essa situação de cor, né? Ele tem que começar a pensar em educação, que eu acho que todo esse racismo ele pode começar a ser combatido com uma boa educação para todos e todas.

”

Desfile da equipe de box da Escola Técnica de Pelotas, década de 1950
Fonte: HeMEPT



Reflexão: O Etepeano C reconhece o racismo como um fenômeno estruturado e cultural, que deve ser enfrentado e tratado como crime, no intuito de reduzir práticas discriminatórias ainda presentes na sociedade. Também destaca que o preconceito pode surgir em diferentes direções, embora afete com maior intensidade a população negra. A fala reforça a importância da educação como ferramenta fundamental para a transformação social, destacando que o verdadeiro desenvolvimento de um país depende do combate às desigualdades raciais e da promoção de uma convivência baseada no respeito e na equidade.



Equipe de vôlei da Escola Técnica de Pelotas, 1955
Fonte: HeMEPT

ETEPEANO D

- **Sexo:** Masculino
- **Idade:** 71 anos
- **Período de estudo:** 1963/1973

“

Ai como como vou explicar, eu entendo como um espaço de raça, na época a gente não tinha muito isso na escola. O racismo existe bastante, se manifesta na sociedade.

”

Reflexão: A partir do depoimento do Etepeano D, é possível identificar que, no respectivo período escolar, as discussões sobre raça eram ausentes, o que contribuiu para a invisibilidade das questões raciais no ambiente educacional da ETP. O relato destaca que o racismo é uma realidade persistente e amplamente manifestada na sociedade e se estruturou ao longo do tempo, sendo a raça um marcador da desigualdade.

ETEPEANA E

- **Sexo:** Feminino
- **Idade:** 75 anos
- **Período de estudo:** 1964/1967

“

Olha, olha, não sei, honestamente, assim, eu acho que era. Eu... já começasse pela base, né? do ensino, colégio, aquela coisa de dividir, quer dizer, coleguinha com coleguinha, não tem? É alguma coisa, assim, que não deveria ter essa separação, essa segregação no âmbito da escola, já ensinar as crianças desde pequeno, né? Já tem que começar desde o início, que às vezes as crianças têm isso, né? Quer dizer, não é da criança. Isso vem de casa, vem do parentesco, da sociedade, que a criança pega aquilo ali, mas que a criança não nasce com isso.

”

Reflexão: O relato da Etepeana E evidencia uma compreensão sensível sobre as origens sociais do racismo, apontando que a segregação e as atitudes discriminatórias são aprendidas e reproduzidas a partir das influências familiares e sociais, não sendo comportamentos naturais das crianças, ou seja, as crianças não nascem com o racismo. A fala reforça a importância de uma educação antirracista desde os primeiros anos escolares, como forma de romper com esses padrões e promover uma convivência mais igualitária, baseada no respeito e na valorização das diferenças.



Desfile dos alunos da Escola Técnica de Pelotas, 1957
Fonte: HeMEPT

ETEPEANO F

- **Sexo:** Masculino
- **Idade:** 70 anos
- **Período de estudo:** 1966/1972

“

Por exemplo, eu conheço até hoje os meus amigos, eles chamam ah, o nego..., o nego..., ah, chama o nego, hoje parece que é crime, isso mesmo já é crime. Lá na minha época isso era comum. Então, as pessoas eram muito conhecidas pelo seu prenome, nego..., alemão, branco. Na minha época, isso não era crime, era comum, chamavam de alemão, alemão, fulano, beltrano, negro isso, negro aquilo. Então, não, essa questão até hoje é tão, sei lá, hoje tem que medir as palavras, não é para se dirigir a uma pessoa. E aquilo na época não se considerava uma coisa tão desrespeitosa, né? Claro, existia essas coisas assim lá, uma desavença e tal, então aquela palavra que dizia tão às vezes, ah nego isso, aquilo, às vezes era dito pelo tom, pelo contexto das constantes. Você sabia que aquela palavra, ela era ofensiva ou não. Mas dependendo do tom, do ambiente que estava se vivendo, não é? Sim, então, era muito.

”

Reflexão: O depoimento do Etepeano F reflete sobre a naturalização de expressões racistas no passado, mostrando como termos usados de forma aparentemente inofensiva carregavam e ainda carregam significados discriminatórios, dependendo do contexto e da intenção de quem os pronuncia. O relato evidencia uma mudança social importante acerca do que antes era visto como algo normal, atualmente é reconhecido como ofensivo e passível de responsabilização. Desse modo, essa transformação revela um avanço na consciência social sobre o racismo e demonstra a necessidade de repensar o uso das palavras ofensivas, compreendendo que elas podem reforçar estereótipos e desigualdades raciais.



Pelotão de alunos da Escola Técnica de Pelotas, 1952.
Fonte: HeMEPT

ETEPEANO G

- **Sexo:** Masculino
- **Idade:** 75 anos
- **Período de estudo:** 1963/1969



Desfile da banda da Escola Técnica de Pelotas, 1957
Fonte: HeMEPT.

“

Sabe, e até né, Adriana, eu identifiquei nessa minha vida toda, essa grande diferença, sabe? O conhecimento é que separa as pessoas, não é? Não é a cor da pele, não é? Não é o sexo, é o conhecimento, porque as dificuldades, eu enfrentei, quando eu, tipo nas reuniões, quando eu depois que me formei em engenharia e falava que era engenheiro, terminava, sabe? Toda e quaisquer assim, aspecto da negritude, de qualquer outra coisa, sabe? Conhecimento é que nos separa. Eu vi que isso sim é a minha separação dos outros, é pelo conhecimento.

”

Reflexão: O relato do Etepeano G expressa a percepção de que o conhecimento atua como fator determinante nas relações sociais, sendo visto como elemento capaz de superar barreiras discriminatórias, impostas pela cor da pele ou pela questão de gênero. Todavia, tal acepção também possibilita refletir sobre como o acesso ao conhecimento, consolidado historicamente desigual, é influenciado pelo racismo estrutural. Desse modo, embora a formação e o saber possam abrir caminhos e promover reconhecimento, é preciso reconhecer que as oportunidades para os alcançar ainda são marcadas por desigualdades raciais e sociais profundamente enraizadas.

ETEPEANO H

- **Sexo:** Masculino
- **Idade:** 75 anos
- **Período de estudo:** 1963/1969



Equipe de basquete da Escola Técnica de Pelotas, 1955
Fonte: HeMEPT

“

Preconceito, eu entendo quando alguém é impedido de fazer alguma coisa pela cor da pele, independente de ser branco, alemão, japonês, eu acho uma perseguição, cerceamento de alguma coisa pela cor da pele. Isso é, entendo e vejo como racismo e também por preconceito, que às vezes nem sabe se presta ou não, quando vê está sendo discriminada a pessoa porque ele é preto, porque ele é gay ou ele é loiro demais por estar no nosso meio. Isso é preconceito, eu acho que preconceito existe dos dois lados, né? Mas eu vejo preconceito dessa maneira, o que não existia dentro dos portões da escola.

”

Reflexão: A fala do Etepeano H demonstra uma compreensão ampla do preconceito, reconhecendo-o como qualquer forma de discriminação baseada em características como cor da pele, origem ou identidade. A fala evidencia sensibilidade ao perceber que o preconceito pode ocorrer em diferentes direções, ainda que, estruturalmente, afete de modo desigual determinados grupos. Ao afirmar que esse tipo de discriminação não ocorria dentro da ETP, o depoimento sugere uma vivência de aparente igualdade naquele espaço. Dessa maneira, tal situação poderia refletir tanto um ambiente de respeito quanto uma possível invisibilização das formas sutis e naturalizadas de racismo presentes nas relações cotidianas do respectivo educandário.

ETEPEANO I

- **Sexo:** Masculino
- **Idade:** 72 anos
- **Período de estudo:** 1964/1970



Equipe de futebol da Escola Técnica de Pelotas, década de 1950.
Fonte: HeMEPT.

“

É que tinha fatos que ficaram marcados, mostrando que eu era mais ingênuo, sereno, por não estar me envolvendo ou criticando, olhando com os olhos muito aguçados o aspecto do racismo. Porque no coral, nós tínhamos um coral que predominantemente era de negro. Eu não tinha me apercebido disso, até que um dia alguém falou assim, o coral dos corvinhos fez um show.

”

Reflexão: O relato do Etepeano I revela como o racismo pode se manifestar de forma sutil em contextos aparentemente harmoniosos. A expressão “coral dos corvinhos” evidencia uma tentativa de inferiorização simbólica do grupo, reforçando estereótipos raciais, ainda que disfarçados de brincadeira. A fala do Etepeano apresenta um processo de conscientização, em que inicialmente havia uma percepção de normalidade e integração. No entanto, ao reconhecer o caráter discriminatório da situação, o ex-estudante manifesta uma reflexão crítica sobre como o racismo pode estar presente mesmo em ambientes que aparentam igualdade e convivência pacífica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este material didático, fruto da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação do IFSul Câmpus Pelotas, intitulada “*ENTRE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: A RACIALIZAÇÃO NA ESCOLA TÉCNICA DE PELOTAS/RS (1950-1960)*”, teve como propósito valorizar as memórias de ex-estudantes negros da Escola Técnica de Pelotas (ETP) e refletir sobre os processos de racialização, considerando as percepções dos respectivos sujeitos. A partir do diálogo com os egressos, é possível apreender um pouco sobre suas experiências e visões sobre a temática da racialização.

As falas revelam percepções distintas sobre o racismo, oscilando entre a negação e o reconhecimento de práticas discriminatórias. Embora alguns entrevistados descrevam um ambiente escolar harmonioso, outros apontam a presença do racismo estrutural, naturalizado nas relações sociais. A educação escolarizada aparece como possibilidade de superação, vista tanto como instrumento de igualdade quanto como expressão de mérito individual. Assim, os relatos evidenciam que a racialização se manifestava de forma velada, revelando tensões entre invisibilidade, resistência e busca por reconhecimento no espaço escolar.

Desse modo, valorizar a memória de sujeitos negros possibilita visibilizar suas trajetórias, evidenciando situações de preconceito, discriminação, superação, resistência e representatividade, que ao longo do tempo

permaneceram silenciadas. Abordar o protagonismo negro na educação brasileira, torna-se fundamental para protagonizar a resistência e luta por um espaço na sociedade, em oposição aquele construído historicamente que marginalizava essa população. Visibilizar a ascensão social da negritude, é reconhecer a influência familiar na constituição desses sujeitos que realizam sonhos dos que vieram antes e projetam novos espaços, onde o negro é sujeito ativo de sua própria história. Ao reunir relatos e reflexões, buscou-se promover neste livreto um debate sobre as relações raciais, destacando a memória como um instrumento pedagógico e emancipatório da sociedade, como indica Freire (1987, p. 39), em sua obra “Pedagogia do Oprimido”, ao destacar que “A educação como prática da liberdade, ao contrário, naquela que é prática da dominação, implica na negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens”.

Portanto, espera-se que o presente material incentive práticas voltadas à educação antirracista e ao reconhecimento da diversidade como princípio fundamental, reafirmando a escola como espaço de transformação e justiça social.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro. Editora Jandaíra, 2021.

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BETHENCOURT, Francisco. *Racismos: das cruzadas ao século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. *Decreto-Lei nº 4.127, de 25 de fevereiro de 1942*. Estabelece as bases de organização da rede federal de estabelecimentos de ensino industrial. Brasília: Diário Oficial da União, Seção 1, p. 2957, 27 fev. 1942. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4127-25-fevereiro-1942-414123-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 18 out. 2025.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DIANGELO, Robin. *Não basta ser racista: sejamos antirracistas*. São Paulo: Faro Editorial, 2018.

DOMINGUES, Petrônio. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Editora SENAC, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Coleção Educação para todos. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-64.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora: Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

IANNI, Octavio. A racialização do mundo. *Tempo Social, Rev. Sociol. USP*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 1-23, maio 1996.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE. *Repositório Digital História e Memória da EPT*. Disponível em: <http://hemept.pelotas.ifsul.edu.br/hemept/>. Acesso em: 24 out. 2025.

PORTELI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSCHILD, Adriana Barboza. *A Escola de Artes e Ofícios de Pelotas/RS e o Ensino-Técnico Profissional (1917-1930)*. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia) - Instituto Federal Sul-rio-grandense, Pelotas, 2021.

